

Tereza: a mulher nos espaços baianos

Luciana Santos Barbosa*

Resumo: O artigo analisa o romance Tereza Batista Cansada de Guerra, focando e refletindo os espaços da mulher no sul da Bahia. A partir da visão de Jorge Amado caminha-se pelas ruas baianas procurando problematizar as possíveis questões referentes ao gênero feminino, pensando-as sempre como sujeito social rerepresentado na obra do autor. Este artigo ainda se permite digressões que esbarram na questão da narrativa e oralidade.

Palavras-chave: Mulheres. Literatura. Espaço-tempo.

Abstract: The women roll in Bahia. This article makes a reflection over the novel Tereza Batista Cansada de Guerra, analyzing the women roll in Bahia South. From Jorge Amado's point of view, there is a ride through Bahia streets trying to overview the social female issues into this context. Considering this points as a social subject into the author's pieces. This article also offers us horizons to be discuss this theme inside a speech approach.

Key-words: Women. Literature. Time-space.

A literatura, assim como a arte, retrata direta ou indiretamente sua época e de algum modo o autor apresenta-se nela. Tal qual um filho que carrega em seu corpo traço dos pais, a obra deixa transparecer os traços de seu criador, contando suas histórias, suas angústias, seus prazeres, sua opinião, seu íntimo ou o contexto onde ele vivia. É na busca das entrelinhas, da interpretação do dito, do entendimento do não dito que o historiador envereda por estes mundos e submundos para transformar a arte em fonte, que desnuda uma época a partir do observador direto, o artista. Trabalharemos neste artigo com o romance “Tereza Batista cansada de guerra” e nosso artista e condutor será Jorge Amado (1972).

Os caminhos tortuosos traçados nesta narrativa problematizam questões nascentes nas relações sociais específicas da Bahia de meados do século XX. Pressuposto que todas as obras literárias carregam nas entrelinhas os conflitos e o cotidiano de uma época, seja ela abordada no texto ou vivenciada na voz do autor, possibilitaremos aqui reflexões focalizando a mulher como sujeito social atuante nesta sociedade a partir do cenário proposto pelo autor, pois

entendo a literatura como produto de uma época que cumpre a dupla função de refletir o espaço e o momento em que foi escrita e ao mesmo tempo ser refletida no mesmo.

Para tanto, sinto necessário buscar o contexto do autor, para assim caminharmos juntos por estas ruas tortuosas que misturam a realidade com a ficção e a memória com a invenção, usando assim literatura como fonte para o historiador desvendá-la em sua integridade. Jorge Amado sempre esteve preocupado em retratar aquilo que via e ouvia nas ruas de sua terra natal, Bahia, mais especificamente o sul da Bahia. Elegia seus personagens para dizer aquilo que entendia e refletia sobre a sociedade da qual fazia parte ativamente e de maneira apaixonada. O escritor participou de movimentos políticos atuando inclusive como deputado pelo Partido Comunista, motivo pelo qual foi exilado. Expunha em seu texto a causa pela qual lutava, retratando sempre o operário, o trabalhador, a prostituta, transformando os romances em denúncia, buscando a voz do povo que por tanto tempo foi calada.

A estratégia estrutural do texto nos leva por caminhos de memória, onde a crítica está sempre presente na voz do narrador. Ao que tudo indica este é um taxista, contando essa história para um passageiro, ou seja, relembando causos ouvidos da boca do povo. Segundo o autor, este caso foi transformado em cordel, comprovando assim sua popularidade e as diversas formas que uma narrativa pode tomar. A veracidade desta história é justificada por ela estar na “boca do povo”, valorizando assim a oralidade, a tradição oral como forma de perpetuação da História do marginalizado e oprimido que nunca é privilegiado pela história oficial.

É traçada por Amado nesta estrutura de memórias uma capa protetora em torno da protagonista de forma a justificar sempre suas atitudes, mesmo as mais violentas pelo peso da vida, por isso o texto não segue uma linha cronológica convencional, ele caminha pela história como quem a conta pessoalmente. Na busca de driblar os meandros da narrativa para, no decorrer da história, discorrer sobre a questão da mulher, a construção da heroína por um autor fruto desta sociedade e propor uma reflexão sobre a literatura como fonte para o historiador, proponho o seguinte caminho:

Tereza ficou órfã muito cedo e passou sua curta infância com uma tia. Foi uma criança livre, gostava de correr e subir em árvores. Com os meninos, seus colegas, aprendeu “que um bom guerreiro não chora”. Aos doze anos ela foi vendida para o Coronel Justiniano, por uma quantia irrisória e um bracelete barato. O tio foi contra a venda, não por um motivo nobre, mas porque era ele quem queria tirar o “cabaço” da menina. O autor já havia nos revelado que

o tio olhava a menina, ainda uma criança, com olhos de malícia, denunciando uma realidade violenta contra as mulheres que ainda meninas estão vulneráveis a violências sexuais.

Estas mulheres são condicionadas à “coisa sexual”, e a violência disso é tão grande e concreta que elas chegavam a ser vendidas, e este crime era justificado e legitimando como uma prática comum nesta região específica, assim como em outros espaços do Brasil.

Não que Tereza houvesse lhe dado tamanha despesa, até ajudava nos afazeres de casa e do roçado. Mas quanto custou muito ou pouco, a comida, a roupa, o bê-á-bá e as contas, os cadernos para escola, quem lhe deu tudo isso foi tia Felipa, irmã de sua mãe Marieta, morta no desastre da marinete, vai para cinco anos. Agora, quando surgem os pretendentes, é justo, seja ela Felipa, a cobrar e a receber. (AMADO, 1972, p. 69).

Assim, Jorge Amado denuncia a lógica construída em torno desta questão e a justifica, segundo as premissas utilizadas dentro daquela realidade, desenvolvendo melhor a idéia quando descreve como se reproduz e se transforma este crime numa prática comum na região:

Talvez um pouco verde de vez ainda, se amadurecesse mais um ou dois anos, estaria no ponto. Assim tão menina, não há como negar, é malvadeza entregá-la ao capitão, mais louca seria Felipa se resolvesse esperar ou se opor. Esperar para vê-la na cama ou nos matos com um moleque qualquer? Se opor para Justiniano levá-la a força, na violência e de graça? Afinal Tereza em breve dias completaria treze anos. Pouco mais tinha Felipa quando Porciano lhe fez a festa e na mesma semana caíram em cima os quatro irmãos dele e o pai e como se não bastasse, lambuzou-a o avô o velho Etelvino, já com cheiro de defunto. Nem por isso morreria ou ficara aleijada. Não lhe faltou sequer casamento, com benção de padre. Também vocação de corno igual a de Rosalvo não conhecia na redondeza. Tão chifrudo como cachaceiro. (AMADO, 1972, p. 69-70).

Felipa reproduziu o que aconteceu com ela no passado, transformando estas relações num círculo vicioso. Jorge Amado as contextualiza num espaço determinado, ilustrando questões de gênero encontradas em textos de autoras preocupadas com a questão, como é o caso de Eni de Mesquita Samara (2004) na obra “A família brasileira”. Ao discorrer sobre gênero na América Latina, Samara ressalta a importância de contextualizar etnia e classe social, pois ao construir a identidade desta mulher, sujeito das pesquisas, não se abre espaço para o estereótipo que por tanto tempo tornou nebuloso os estudos sobre gênero, permitindo preconceitos e equívoco em função da generalização.

“Tereza vinha de uma família muito pobre e no Nordeste é hábito as famílias pobres venderem suas filhas como amante aos poderosos da região” diz, Joelma Varão Lima (1994, p. 130) na sua dissertação de mestrado “A mulher na obra de Jorge Amado”. Portanto, evidencia-se desde o início a falta de saída de Tereza, condicionada a perda violenta da infância, a chance ou escolha de se tornar uma “mulher de família”, sendo obrigada a aceitar

sua condição. Demarca-se com esta discussão, proposta por Amado, dois espaços da mulher, a mulher pública que engloba prostitutas ou meninas desvirginadas precocemente e as privadas, conhecidas como “mulheres de família”, preparadas desde cedo para compor o lar e servir aos seus maridos. Constata-se que dos dois modos estas mulheres, de alguma forma, submetem-se aos homens. E prevemos deste então Tereza compondo o grupo de mulheres públicas, pois este, devido sua condição de pobre, órfã e em breve desvirginada antes do casamento, será seu único caminho.

Na casa do Coronel Justo, Tereza vive um verdadeiro inferno. Ela trabalhou com os afazeres domésticos e foi estuprada assim que chegou, estabelecendo a condição de escrava sexual desde o começo. Depois de uma luta brutal entre a menina de doze anos e o Coronel, o escritor finaliza o estupro:

Arfante, cego de ódio, o capitão surra como jamais surrou, nem a negrinha Ondina apanhou tanto assim. Tereza defende a face, as mãos em chegas, não há de chorar mas os gritos e as lágrimas soltam-se e rolam independentes de sua vontade, não basta querer: Tereza urra de dor, ai! Pelo amor de Deus! Do quarto vizinho chegam as pragas malucas de dona Brígida, inúteis, não acalmam o capitão, não consolam Tereza, não despertam os vizinhos nem a justiça de Deus. Incansável capitão: Tereza rola semimorta, o vestido empapado de sangue, o capitão continua a bater um bom pedaço de tempo. Aprendeu, cachorra? Com o capitão Justo ninguém se atreve a quem se atreve apanha. Para aprender a ter medo, a obedecer. (AMADO, 1972, p. 112).

Condicionada, Tereza, assim como muitas outras meninas, não possuem escolhas, desde pequenas elas são violentadas não apenas fisicamente, mas psicologicamente. Esta violência condicionante e traumática deixa marcas que ainda hoje não cicatrizaram. A nossa sociedade convive com isso e pode encontrá-la reproduzida em diversas situações cotidianas, inclusive pela própria mulher.

A figura de dona Brígida ilustra a idéia da lógica do sistema opressor da mulher ser reproduzido continuamente na sociedade e de ser organizado numa estrutura onde a própria mulher reproduz o que à oprime, indicando como o sistema está intrínseco na educação, incluída nos costumes daquela região. Brígida era a sogra da falecida mulher do Coronel Justo; ela casou-se com ele ainda menina, a mãe tinha medo de sua filha não “arrumar” casamento e ficar “falada”, por isso permitiu o casamento com um homem tão mais velho e com péssima fama, conhecido por estuprar meninas. Brígida presenciava tudo o que acontecia com a menina Tereza, pois mesmo depois da morte da filha continuou morando na casa do coronel, mas ficava sempre em silêncio, parecendo estar louca. Ela mostra a existência de uma sociedade que assiste a tudo e não faz nada: por medo? Ou por moralismo? As respostas

podem ser várias, mas para tampar esta realidade com a peneira Brígida, culpava Tereza por ser uma “mulher da vida” que não prestava e questionava: para que tanta resistência?

Tereza foi escrava sexual por cerca de três anos até ser seduzida por Daniel, jovem boêmio sem caráter, muito semelhante fisicamente ao anjo pendurado na parede do quarto do Coronel que presenciava toda a violência sofrida por ela. Por Daniel, Tereza foi capaz de matar o Coronel quando este descobriu a relação dos dois e humilhou o rapaz.

Descobrimos, portanto, que mesmo mediante a tamanha violência, o Coronel não anulou a coragem da menina, agora mulher, com as surras que ela sempre levava. A coragem era inerente a ela, ficou apenas adormecida, despertando na primeira oportunidade.

Quem libertou Tereza da prisão, já que ela matou o Coronel na frente de Daniel que a denunciou acusando-a covardemente (e nós leitores sabemos que ela o fez para salvá-lo), foi o Coronel Emiliano; este já havia se encantado pela menina quando fora fazer uma visita ao falecido Justo, tentando comprá-la sem sucesso. Ela tornou-se então “amásia” do Coronel Emiliano por seis anos; ele a colocou numa casa, lhe deu vestidos, contou-lhe uma porção de coisas e ensinou-lhe a ser uma “senhora”. Porém, sabemos que ela nunca torna-se-ia uma senhora, posto que as “mulheres de família” suportavam as “protegidas” dos Coronéis por medo e respeito aos mesmos. Sua condição de “mulher da vida” iria acompanhá-la pelo resto da vida, como uma sombra.

Apesar desta condição de “amásia”, Tereza foi feliz durante aqueles anos, e quando finalmente o Coronel revelou seu verdadeiro amor por ela, dizendo-lhe inclusive que pensava em lhe dedicar parte da herança e confessando sua infelicidade no seio familiar, ele morreu, durante o ato sexual, dentro de Tereza. Novamente sem ninguém e sem nada, a menina-mulher “cai na vida”.

Este Coronel reproduziu com Teresa a mesma lógica de todos os Coronéis, inclusive a do Coronel Justino, que se torna vilão do primeiro capítulo. Mas pela primeira vez a menina que perdeu a infância será tratada com carinho, ele fará o papel de pai e amante e este fato em contraste com os momentos vividos com o outro Coronel acaba aliviando a culpa deste. A gratidão, uma das bases que sustentam o sistema patriarcal, vigente na época e na região, transforma o coronel num Deus para a menina:

Até aquele dia de cinzas, Tereza se considerou sobretudo em dívida com o doutor, a gratidão ocupando preponderante lugar entre os sentimentos a ligá-la ao usineiro. Ele a mandara retirar o cárcere, indo depois pessoalmente buscá-la em quarto imundo de prostíbulo e, fazendo-a sua amásia, a tratou como se ela fosse uma pessoa, com bondade e interesse. Dera-lhe calor humano, ternura, tempo e atenção, erguendo-a da ignomínia, da diferença pelo destino, ensinando-lhe a amar a vida. Tereza fizera do

www.pucsp.br/revistacordis

doutor um santo, um deus alguém muito acima dos demais e isso a deixava acanhada diante dele. (AMADO, 1972, p. 272).

Esta relação de poder construída pela gratidão era comum na região e em diferentes casos sustentava o sistema patriarcal de forma barata para o dominante. Devido a carência ser muito grande, atos pequenos, simples como no caso de Tereza, pois para o coronel era uma facilidade manter casa para a “amásia”, potencializava o ato, supervalorizando o bem feitor, fortalecendo assim a dominação.

Há um contraste na estrutura do texto que transporta-nos para dois momentos, respectivamente: ora nos são contados os seus momentos de felicidade ao lado do coronel, ora sabemos qual é o desfecho da morte dele e o sofrimento pela perda por Tereza, aliado a chegada da família do Coronel. Neste momento, as lembranças de Tereza são nossos guias, por isso enxergamos o Emiliano pelos olhos da personagem.

As relações dos dois espaços da mulher nestas cidades tornam-se visíveis na medida em que nos é descrita a função de Tereza como “amásia”: a mulher sustentada e protegida por um Coronel próspero. É como nós vimos as mulheres que ocupam o espaço público; estas normalmente são tiradas de prostíbulos e colocadas na casa de descanso destes Coronéis, conscientes de seus papéis: esperar seus Coronéis terem vontade de estar com elas e, quando isso acontece, devem fazer todas as suas vontades.¹ A relação de submissão fica clara quando Tereza aborta, por saber, pela boca do Coronel, que ela não era mulher para ter filhos dele.

– Decidiu por não querer um filho meu? (pergunta o coronel à Tereza)

Tereza o fitou surpreendida, por que lhe faz esta pergunta se ele próprio lhe dissera, ao se estabelecerem em Estância, não querer filho na rua, filho apenas esposa pode ter, cama de amásia é para folgar. (AMADO, 1972, p. 267).

Tereza o vê como pai e amante, pois mesmo as relações sendo substancialmente sexuais, a presença do paternalismo², forte na figura do Coronel, era constante. As mulheres da cidade tentavam uma aproximação de Tereza por curiosidade, elas gostavam de saber o que se passava na casa da “amásia”, como eram os vestidos que ela ganhava, mas Tereza, quando percebia esta procura sem demonstrarem por ela nenhum respeito, colocava-as para fora sempre pensando em preservar a imagem do seu Coronel.

¹ Desde muito tempo temos este tipo de relação aqui no Brasil. A Condessa de Santos pode ser citada como uma das mais famosas amásias de nosso imperador Dom Pedro I.

² O sistema patriarcal vigente na época abordada, e ainda hoje em algumas regiões do Brasil, tem suas principais características baseadas na família extensa pelos agregados e pela solidariedade entre parentes e pela autoridade paterna.

O Coronel então morreu durante o ato sexual e quando chegaram os seus familiares legais, Tereza se viu obrigada a ir embora sem nenhum bem material. O autor explicita o orgulho da personagem e o amor sem interesses materiais dedicado por ela ao Coronel, quando ela foi embora sem reivindicar nada, deixando todos os bens que recebeu do Coronel para aquela família avarenta, mais preocupados com a herança do que com a morte do ente.

Tereza voltou a trabalhar como prostituta até juntar-se com um jovem médico, o doutor Oto Espinheira e foi com ele morar numa cidadezinha em Sergipe, Buquím, por este ter sido promovido. Mas em meio à tranquilidade da saúde na cidade, houve um surto de Bexiga Negra (varíola). O médico, que permaneceu por pouco tempo na cidade, recebeu a ajuda de Tereza, que neste curto período aprendeu sobre seus possíveis tratamentos. Quando o médico fugiu, com medo de contrair a doença, assim como fizeram as autoridades (sobraram apenas os mais pobres), foi Tereza quem ficou para amenizar o problema. O autor a descreve como uma verdadeira guerreira, que mesmo diante de tão lindos feitos é condenada pelas más línguas da cidade devido ao seu passado e sua condição, ilustrado nesta passagem o quão difícil é a aceitação de uma mulher que foge das regras impostas pela sociedade.

Do átrio da igreja as beatas viram Tereza Batista andando para a Estação, sozinha (depois de ter enfrentado a Bexiga Negra na cidade). Uma delas disse – e todas concordaram:

– Vaso ruim não quebra mesmo. Morreu tanta gente direita e nessa vagabunda que até no lazareto se meteu de intrometida, nada lhe pegou; bem podia a bexiga ter ao menos lhe comido a cara. (AMADO, 1972, p. 240).

Tal passagem nos enfurece, afinal, acompanhamos toda a luta de Tereza e sabemos que tal comentário é injusto e sem fundamento. O autor também mostra sua indignação fazendo uma crítica feroz da sociedade hipócrita e enrustida em forma de ABC³ (AMADO, 1997).

Antes de encontrar a paz, Tereza ainda passa por mais uma batalha. Uma Mãe de Santo inicia este último capítulo falando sobre o destino da heroína. A exuberante beleza de nossa protagonista leva-a a trabalhar como prostituta de luxo de coronéis poderosos. A distinção entre os dois tipos de prostíbulos que existiam na “rua das mulheres da vida” fica bem clara na descrição do cotidiano destas mulheres, onde as mais simples aceitavam qualquer cliente e as mais bonitas, famosas e experientes, e Tereza incluía-se neste grupo, aceitavam apenas os clientes mais ricos, em sua maioria coronéis e fixos.

³ Cada sub-capítulo é iniciado com a letra do alfabeto; essa estrutura é muito usada nas histórias de cordel.

O governo decidiu deslocar os prostíbulos mais pobres para uma região de condição deprimente. O detalhamento destas relações puramente políticas, mostra-nos como a vida do povo está ao bel-prazer das autoridades e como o autor preocupa-se com estas questões. Por mais que Tereza não estivesse envolvida diretamente, tomou partido da situação, pois ela se revoltou com a repressão violenta pela polícia às mulheres que se recusaram a sair. Decidiu-se pela greve; a idéia veio de Tereza. As prostitutas não trabalhariam enquanto o problema não fosse resolvido, concomitante a isso estava por chegar um navio com muitos marinheiros americanos cheios de dólares a procura de mulheres, portanto, sem as grevistas, o movimento reduziria muito, prejudicando a economia da região.

Ao saber da greve a polícia tentou forçá-las violentamente a voltarem ao trabalho. Com a ajuda dos orixás, Tereza incentivou todas a manterem-se firmes na decisão. A greve das mulheres é conhecida como a greve do “balaio fechado”, referência a abstinência sexual pelas prostitutas nos dias santos, prática comum na Bahia. A greve deu certo, mas Tereza foi preza e apanhou muito na cadeia.

Com este episódio, Jorge Amado amadurece mais a literatura socialista, preocupada com os problemas sociais. Ele produziu no auge da fase na qual preocupa-se principalmente com estas questões, no início de sua carreira, os livros “Suor” (1970a), “Cacau” (1970a) e “Jubiabá” (1970c). Para tanto, no caso de Tereza, ele atribui às prostitutas a condição de operariado. Estas mulheres, vítimas do sistema, reagem com a greve e por terem vencido. Podemos concluir que esta profissão, teoricamente ilegal, é de extrema importância para a economia daquelas regiões.

A prisão de Tereza não foi suficiente para acabar com a beleza dela e com a paixão de Amalio, que a pede novamente em casamento. Por acreditar ter perdido seu grande amor, Tereza, sem esperanças, aceita o casamento, mas momentos antes de se casar, seu grande amor, Januário, o marinheiro, aparece reivindicando seu lugar no coração de Tereza.

A lógica da mulher “direita” que se entrega apenas para um homem está nesta passagem. Tereza, condicionada pela sociedade, não pôde preservar sua virgindade para o homem que amava, mas guardou seu coração.

A construção da heroína se faz a partir de seus feitos corajosos, de suas superações, já que a vida lhe foi tão cruel, mas se faz principalmente pelo seu caráter, inserido, contudo, na lógica que a oprime. Ter bom caráter significa também seguir alguns preceitos constituintes do sistema opressor da mulher. Desta forma, uma mulher de caráter, direita, deve ser fiel a um homem apenas, mesmo que esta monogamia seja apenas do coração, como é o caso de nossa

protagonista. Contudo, esta idéia aplica-se apenas às mulheres, pois para os homens é natural a poligamia. O sistema patriarcal abstém o homem da culpa, mas condena a mulher e não a exime das conseqüências.

Finalmente Tereza encontra a paz nos braços de quem ama no convés de um barco, e é no mar onde ela descarregou as três mortes que carregava nas costas: o Coronel Justo, morto por ela com uma facada; o Coronel Emiliano, morto durante o ato de amor, dentro de Tereza; e o filho abortado.

As críticas que Amado faz neste texto perpassam pela sociedade, pela cultura e caminham também pela política. A idéia trazida por ele, e ainda hoje presente não apenas na Bahia, mas em outros lugares do Brasil, denuncia a necessidade do governo, unido com a imprensa, de esconder, em nome do turismo, o que eles consideram o “cancro da sociedade”, pouco se importando com a população, que sempre é desprivilegiada, além de nos descrever a carência de atenção para com a população pobre e a violência usada para reprimir quando estas reivindicam seus direitos, ele ainda critica a super-valorização dedicada aos estrangeiros, desvalorizando muitas vezes o nacional.

O candomblé, nesta obra (AMADO, 1972), é apresentado como resistência, misturando-se desta forma com as questões sociais e políticas, estando sempre presente para ajudar aos marginalizados e injustiçados. Aqueles que desrespeitam as entidades são cruelmente castigados. Oxalá, pai de todos os Orixás, esteve em uma das brigas salvando Tereza de ser presa e aquele que desrespeitou um Orixá dizendo não acreditar nele, morreu nas ruas do confronto.

Através dos olhos de um narrador que se diz presente na história contada, sempre colocando sua opinião apaixonadamente, influenciando desta forma a opinião do leitor, se denuncia uma realidade dolorosa, cruel e ainda atuante. Tereza Batista é a personagem que carrega em suas costas as experiências de meninas que se tornam mulheres condicionadas a um futuro de escolhas limitadas. Tereza parece ser o grito desesperado de denúncia que Jorge Amado vem trazendo em todas as suas obras, na figura da mulher baiana que é muito sensualizada e que só encontra saída na venda do próprio corpo ou usando estratégias que envolvem atributos femininos visados pelos homens.

A presença constante desta mulher em sua obra acolhida e representada com ênfase, universalizando o específico pela mídia, deu margem para muitas e severas críticas às obras de Jorge Amado, retratando-o como machista e depravado. Por focalizar e super valorizar a sensualidade da mulher, a mídia deu vazão para uma interpretação limitada das obras,

principalmente porque ele toca em questões tabus, desnudando um grupo social que se cobre com o manto da moralidade. Desta forma, algumas questões importantes para se pensar a sociedade passam despercebidas pelo grande público.

A descrição detalhada que o autor faz das violências sexuais cometidas contra a menina, arrancada da infância inocente e cheia de estripulias pelo Coronel Justino (Coronel Justo), que já traz no próprio nome a crítica bem humorada do autor, traz, nos detalhes, a angústia, a raiva, a impotência do leitor, sensação esta que nos faz refletir sobre a nossa condição como participantes desta sociedade que carrega embaixo de um pano quase transparente as injustiças contra a mulher.

No início, conhecemos uma Tereza segura de si, forte, inteligente, justiceira, capaz de enfrentar a própria justiça invertendo a situação a favor dos supostos vencidos, dos injustiçados, como é o caso da conhecida como Negra; esta só não perdeu todos os seus escassos bens para um estelionatário que forjou a lei para roubá-la porque Tereza interveio, invertendo esta ordem, enganando o vilão e driblando a justiça. Para obter justiça, Tereza se valeu da mesma arma utilizada por muitos estelionatários e coronéis poderosos da Bahia: “ajeitando a lei”, encontrando brechas, forjando-a. Ela recuperou o sítio da Negra, pois esta precisou fazer um empréstimo deste estelionatário e, ao invés de assinar, por ser analfabeta, marcou com o dedo os papéis. Nossa heroína ensinou-a a escrever, desta forma ela pôde acusar o estelionatário de ter forjado os papéis, já que a Negra poderia os ter assinado ao invés de tê-los marcado com o dedo.

Sabemos, no decorrer do texto, que Tereza perdia o controle sempre ao ver uma mulher ser agredida ou ameaçada por um homem. Para se fazer entender esta postura, Jorge Amado volta ao passado da protagonista na busca de uma memória presente em todos os momentos da história. Deparamos-nos, então, constantemente com a infância perdida da personagem, quando esta foi escrava do Coronel Justo.

Vou te ensinar o medo, tu vai ter tanto medo a ponto de adivinhar meus desejos como todas as outras ou mais depressa ainda. Pára de bater, foi uma boa lição, mas porque essa filha da puta não chora? Tereza tenta esgueirar-se, não consegue; o capitão a segura, torce-lhe o braço. A menina que aperta os dentes e os lábios, a dor a atravessa, o homem vai lhe quebrar o braço; não há de chorar, guerreiro não chora nem na hora da morte. Um raio de lua penetra na mansarda pelo buraco da janela condenada – pequeno demais para tamanha judiação. Na dor do braço torcido, Tereza afrouxa, cai deitada de costas – aprendeu papuda? Do pé ante a menina caída, o capitão, pingando de suor, arranhado na perna, ferido no rosto, ri vitorioso; antes xingasse, o riso dele é sentença fatal. Solta o braço de Tereza; derrotada, não oferece mais perigo. Na raiva, o capitão terminara batendo por bater, maltratando por maltratar; na indignação esquecera o principal e, em vez de

www.pucsp.br/revistacordis

se excitar, findara a luta de estrovença murcha. O raio de lua sobre a coxa descoberta reacende o desejo em Justiniano Duarte da Rosa. Aperta os olhos miúdos, retira a cueca, balança os bagos sobre a menina: veja minha filha, tudo isso é seu, vamos, tire o vestido, depressa, tire o vestido, estou mandando. (AMADO, 1972, p. 111).

A menina ainda luta e resiste ao coronel, deixando-o ainda mais nervoso e excitado:

O capitão só deixa de bater quando Tereza pára de gritar, posta inerte de sua carne. Descansa um instante, larga a taça no chão, descruza-lhe as pernas, toca o recôndito segredo. Ainda tenta a menina um movimento, dois tapas na cara acabam de acomodá-la. O capitão ama descabaçar-las ainda verdinhas, com cheiro e gosto de leite. Tereza, com gosto de sangue. (AMADO, 1972, p. 113).

Este momento do romance não é traumático apenas para a personagem, mas para nós, leitores, e aparece sempre como uma memória coletiva, pois passou a fazer parte também da nossa memória de leitor. Esta característica estrutural de sempre caminhar pelo tempo para se fazer entender a história e justificar a personalidade e as atitudes da personagem vai permear o livro inteiro, nos deixando em contato com uma história não apenas pessoal do narrador ou de Tereza, mas de uma memória do povo, que encontra Terezas e coronéis por muitos becos, casas e prostíbulos da Bahia.

Esta estrutura que nos lembra a memória de um contador de história nos faz ao mesmo tempo viver aqueles momentos junto com Tereza e descansar finalmente junto com ela. Esta habilidosa forma de contar, unida ao conhecimento das trajetórias da memória, nos orienta e nos induz a conhecer a personagem com os olhos que Jorge Amado quer que nós a vejamos, transformando em nossa, a memória que o autor construiu. Temos sempre a impressão de que várias pessoas estão construindo juntas esta história, afinal, a história de Tereza está na “boca do povo”.

Conhecemos a Tereza Batista pela memória e pela oralidade. A mulher forte e inteligente é fruto de uma vida de violências físicas e psicológicas de uma sociedade machista, limitadora, patriarcal, injusta, desigual e muito violenta. Tereza pagou o preço por nascer mulher, negra, bonita e pobre, mas ela não desistiu, não se rendeu e venceu a guerra, cujas batalhas, por serem tão violentas, fazem com que nós, leitores, duvidemos que seria possível vencê-las. Tereza perdeu o medo de apanhar, de sentir fome, de ser sozinha e, talvez, tenha sido isso que a fez querer enfrentar este mostro enorme que é a sociedade, apresentando-se a ela da forma que quisesse: de um coronel, de uma doença (Bexiga Negra), de prisão ou lei. A menina, sem infância, enfrenta estas realidades e, mesmo diante de tanto sofrimento e desilusão, não perde a capacidade de amar.

Tereza amou e odiou muito, tudo em sua vida foi intenso...

Muitas mulheres estão em Tereza, se a observamos bem encontramos um pouco de Tieta (AMADO, 1987), um pouco de Gabriela (AMADO, 1970b), um pouco de Aureliza. Ela é a personificação da mulher reprimida que procura brechas, saídas e luta, a sua maneira, com esta sociedade. Ela sai da linha traçada pelo moralismo e pelo tradicionalismo onde os dois tipos de mulheres são divididos nos espaços da cidade e até hoje caminham e lutam conscientemente, ou não, pelo seu espaço.

Referências

AMADO, Jorge. ABC da Literatura. Entrevista concedida por Jorge Amado. *Revista Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 26 nov. 1997.

_____. *Suor*. São Paulo: Martins, 1970a.

_____. *Cacau*. São Paulo: Martins, 1970a.

_____. *Gabriela cravo e canela*. São Paulo: Martins, 1970b.

_____. *Jubiabá*. São Paulo: Martins, 1970c.

_____. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo: Martins, 1972.

_____. *Tieta do Agreste, pastora de cabras ou A volta da filha pródiga, melodramatico folhetim em cinco sensacionais e empolgantes episódios: emoção e suspense!* Rio de Janeiro: Record, 1987.

LIMA, Joelma Varão. *A mulher na obra de Jorge Amado*. 1994. 177 f. (Dissertação) – Mestrado em História, Programa de Estudos Pós-Graduados em História (PUC-SP), São Paulo, 1994.

SAMARA, Eni Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

* Mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, orientada pela Professora Dra. Yvone Dias Avelino. E-mail: <lucianassb@yahoo.com.br>.